

# ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA



NAS CATACUMBAS

Cristãos assistindo à liturgia

(Fot. Braz de Carvalho)

DIRECTOR E EDITOR,

*Joaquim Antonio Pereira Villela*

Braga, 9 de Junho de 1928

NUMERO 327 — ANO VII

PROPRIEDADE DA EMPRESA

DA «*Ilustração Catholica*», L.da

Composta e impressa na Tipografia da «PAX» — Braga

# Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

PORTUGAL :

Ano. . . . .	60\$00
Semestre . . . . .	30\$00
Trimestre . . . . .	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despesa

COLONIAS :

Ano. . . . .	64\$00
Semestre . . . . .	32\$00
Trimestre . . . . .	16\$00

ESTRANGEIRO :

Ano. . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	40\$00
Trimestre . . . . .	20\$00
Numero avulso . . . . .	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á  
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

Automoveis e  
Camionetes

# Rugby

Os carros preferidos pela sua elegancia e  
modicidade de preços



STAND RUGBY

Avenida da Liberdade, 32



BRAGA

## CASA EDITORA CATHOLICA

*Livraria, Papelaria, Artigos Religiosos*

**Armenio Sotto Mayor**

Rua Candido, Reis, 104 — (Antiga R. dos Chão) BRAGA

Livros de missa com encadernações simples ou de luxo, livros literarios e escolares, variado sortido de papelaria, objectos para escritório, bilhetes postais ilustrados, etc.  
Completo sortido de imagens de massa comprimida e de BISCUIT, pias para agua benta, lampadas, placas, terços, cruxifixos, medalhas e estampas de variados preços.  
Encarrega-se do fornecimento de todos os objectos para as Igrejas, como paramentos, vasos para sacrário, lampadas, serpentinhas, castiçais, velas automaticas, velas de cêra, etc.



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA



Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

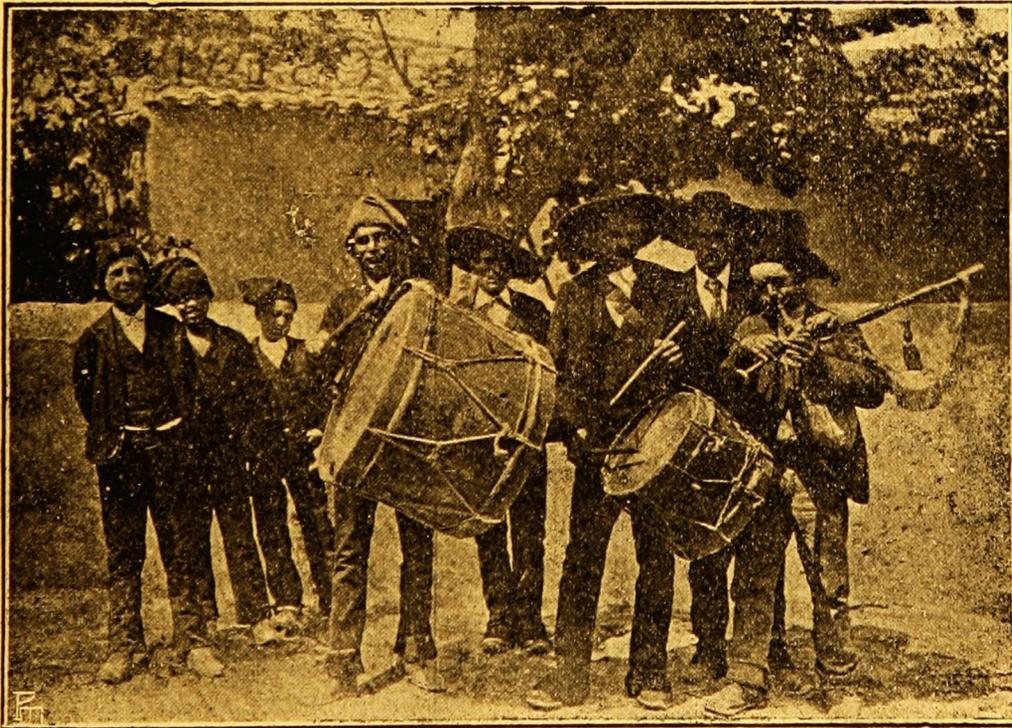
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Ilustração Catholica», Limitada

Braga, 9 de Junho de 1928

Composição na Tip. da «PAX»  
Impressão na Tip. Augusto Costa & C.ª Ltd.ª

Anno VII — N.º 327



## NO MINHO

A AFAMADA «MUSICA DO ZÉ PEREIRA»  
QUE COM AS SUAS EXECUÇÕES, MUITO  
ALEGRA AS ROMARIAS

## A conquista do Polo

AS proesas admiráveis da audácia humana, bem equilibradas, sim, mas prometendo triunfos indescritíveis, embalam narradas ou sonhadas pelo genio de Julio Verne, a infancia e juventude dos nossos homens de hoje. Quem, por exemplo, se não comoveu com as inclemencias sofridas pela brava expedição do bravo Hatteras nesses dois romances que servem de veículo a um interessante compendio de historia e cosmografia polares?

O mundo está hoje quasi todo ele dominado pelo homem. O proprio Sahara de movediças dunas, calcinado do sol, requeimado por um vento desolador, serve de pista aos automoveis que silvam atravez dos areais, de Argel a Tomboctu, o canto do progresso e da civilização.

E antes que o mundo se faça pequeno para a humanidade, a sciencia há-de entrar definitivamente nos desertos arabes e africanos, irrigar esses terrenos aridos, dar-lhes frescura e transforma-los em veigas feracissimas. O Nilo, foi o meio de conquista de milhões de hectares; e já se pensou na possibilidade de construir no interior saarariano um mar.

O homem, a pouco e pouco, conquista a terra e avassala seus segredos.

Os polos são de mais difficil conquista, ainda assim. Atingi-los, comquanto difficil, não é impossivel. Varios exploradores se tem gabado de passar o ponto ideal em que convergem todos os meridianos, a maxima latitude equatorial. E, sem uma precisão absolutamente matematica... mais metro menos metro... certamente o polo tem sido atingido por varios dos exploradores polares.

A possibilidade porem de atingi-lo não supõe a de fixar ali demora. O frio que reina, nesse deserto de gelo, frio intenso que excede o da Siberia, é o menor dos incomodos, porque mais graves são os turbilhões, as tempestades de neve, que ali reinam perpetuamente, numa constante perturbação atmosferica.

A ultima nação apaixonada pelo Polo, manifestou-se a Italia que tem ali uma expedição com o navio «Città de Milano», o qual serve de apoio ao dirigivel «Italia». Duas personalidades, simbolizando duas ordens sociais, eram na expedição figuras de relevo especial. O general Nobile, interprete do sonho dominador e imperialista de Mussolini, da Italia novíssima que pensa no seu antigo Imperio, era uma dessas figuras, simbolizando perfeitamente a ambição de primazia que hoje e em tudo, forma a mentalidade italiana.

A outra figura era o P. Gianfranceschi, jesuita, reitor da Gregoriana e encarregado de depositar no polo em nome do Papa, uma Cruz de madeira preciosa. E' interprete de outro imperialismo, imperialismo de natureza diferente, mas que não se contenta tambem com triunfo menor do que a conquista do mundo. O jesuita da expedição, peoneiro do Papa, é bem, e perfeitamente, o símbolo daquela aspiração de supremo dominio da Igreja.

O «Italia» segundo as suas communicações, atingiu o Polo, mas não regressou de lá. Impotente, cercado de gelos, o «Città de Milano» aguarda-o em vão, desde há dias. Que terá sido feito do dirigivel?

A Noruega ofertou logo auxilio para a pesquisa dos naufragos do ar. Mas os italianos recusaram...

As estações de telegrafia sem fio da Russia sovietica parece terem apreendido debeis mensagens do «Italia». As pesquisas succedem-se.

Entretanto, se o «Italia» vier aumentar o numero das catastrofes polares, que já contam um extenso martirologio, lá ficarão nas neves polares a bandeira de Italia e a cruz do Papa, deixadas cair a noventa graus de latitude, aspiração de um imperialismo nacional e sonho de uma conversão universal, a destacar na brancura de um campo de gelo.

# O MOVIMENTO PEREGRINACIONAL PORTUGUÊS

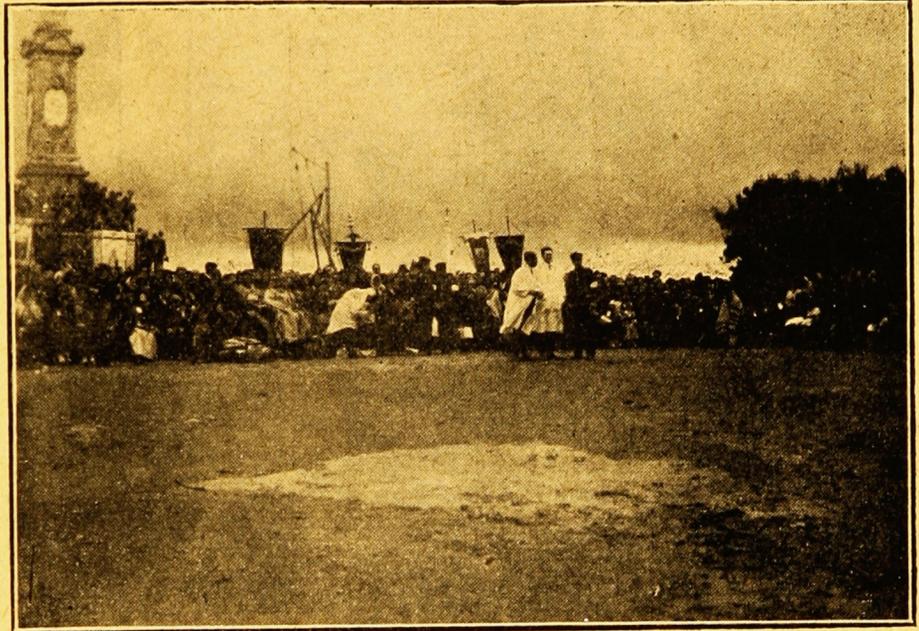
VÃO-SE efetuando com fêrvida piedade e acentuado nacionalismo as peregrinações portuguesas, o que é duplamente consolador.

Fátima é o lugar para onde por excelência, converge remoçada e progressivamente estuante a fé portuguesa, que, ao contemplarmos com instintivo respeito essa compacta mole sussurrante «una voce», como bosque de leve agitado pelo vento, nos faz revocar aos tempos medievais, essencialmente colectivistas.

Depois a nossa panorâmica montanha do Sameiro vai se tornando com preponderância a estância religiosa do Norte, e se nela a augusta e excelsa Deípara se não dignou mostrar-se aos corrutíveis olhos humanos, não são menos meritosos os esforços que, desde o solícito apóstolo mariano, o saúdoso Padre Martinho, se têm envidado sem descanso para lhe dar, de facto, setentrionalmente a primazia.

Estes são os dois locais onde a atare-

fada alma contemporânea vai expôr as suas necessidades, atribulada pelos acidentes de que o progresso fatalmente enche a vida, e quantas vezes não recebe o pleno deferi-



NO SAMEIRO — Peregrinação do Arciprestado de Braga — Durante a benção dos enfermos na explanada

(Fot. de João Gomes)

mento do que, com fé viva e perfeita conformidade com a vontade de Deus («fiat voluntas tua»), impetrou instantemente («pulse et aperietur vobis»)!

O milagre, que tanto arripia os que vêm curto, estereotipados supinamente na realidade sensível, é hoje banal para maior glória de Deus, e não só não teme a Sciência, mas exige-a no mais alto grau para que se possa fazer com consciência a destriça entre o natural e o sobrenatural. A realidade escalona-se desde a matéria bruta até a substância espiritual, essencialmente pensante, e dentro destes polos é que está toda a realidade contida, o que, aliás, é doutrina velha.

Ora a piedade hodierna vai se alentando nestes factos miraculosos, contrabalançando se assim o objecto materialismo que as condições económico-financeiras pôsbélicas de-



NO SAMEIRO — As «Auxiliadoras de Maria» conduzindo enfermos

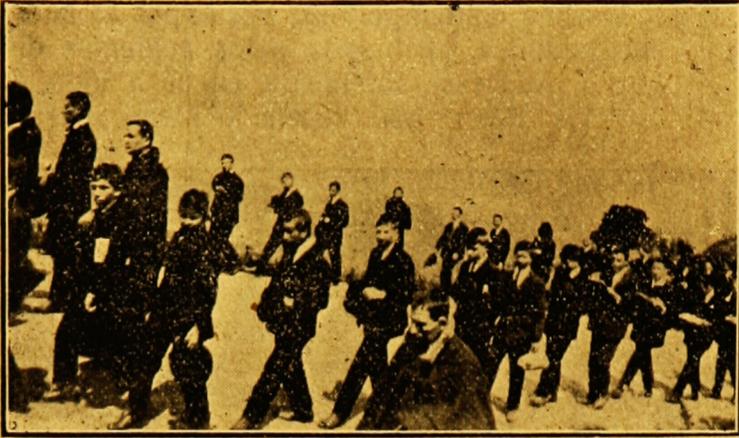
(Fot. de João Gomes)

terminaram entre certas classes sociais, e antolhando-se prometedor um futuro levantamento moral da sociedade.

Assume, pois, um elevado valor social o movimento peregrinacional que se vai realizando no nosso país, e convem que

peregrinações, já auspiciosamente aberto, é garantia da sua futura hegemonia sobre todos os santuários marianos do Norte.

Urge, pois, criar iniciativas úteis e perduráveis, confiando nós todos na acção decisiva do venerando Episcopado, donde não



*Peregrinação do Arciprestado de Braga ao Sameiro. — O seminário das Missões de Angola e Congo (Espírito Santo)*

todos nós, dirigidos e dirigentes, venhamos no acôrdo inquebrantável de o fomentar por todos os modos, devendo ser o primeiro empenho nacionalizá-lo sistematicamente.

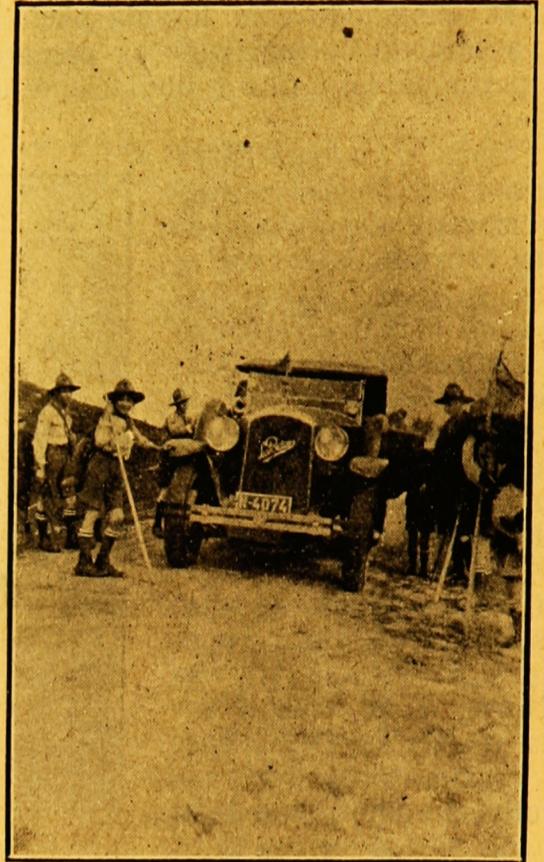
Há razões impreteríveis para prosseguirmos no alcance dêste desiderato com vivo interêsse, e elas são de ordem sobrenatural e de ordem natural. Assiste-nos a obrigação de fazer de Fátima a nossa Lourdes, porque a tal nos incita o aparecimento que nessa localidade fez a Santíssima Virgem; e, dadas as precárias condições financeiras do nosso país, «a fortiori» devemos timbrar, com um legítimo desvanecimento, em harmonizar a nossa piedade com o nosso patriotismo, o que podemos e devemos fazer.

Reduzir-se-á assim esta febril saída para locais estrangeiros, sob-color de religiosidade, e se dêste modo se tivera procedido, evitara-se o vèxame das medidas governamentais proibitivas.

Não quiere isto dizer que ponhamos de parte Lourdes; esta gloriosa cidade mariana será a escola onde iremos, sempre que a vida financeira portuguesa o permita, aprender como tributaremos dignamente A'quela que chamamos com propriedade Nossa Esperança, os louvores que lhe devemos e como alcançaremos, por sua infalível mediação, os socorros espirituais e temporais de que precisamos.

Desta maneira Fátima progredirá e poderá oferecer as necessárias comodidades materiais que Lourdes e outras localidades religiosas estrangeiras oferecem aos peregrinos.

Quanto ao nosso Sameiro, o ciclo de



*No Sameiro — Por ocasião da peregrinação do Arciprestado de Braga.*

*A chegada dos «lobitos» ao acampamento*

podemos deixar de salientar, pelo que toca à nossa terra, Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo Primaz, arquétipo da acção católica dos tempos que decorrem.

Alente-nos nesta empresa santamente patriótica o exemplo do Beato Nuno de Santa Maria, fé indefectível ao serviço da Pátria, como o atesta a sua acção bélica nos Atoleiros, em Valverde e em Aljubarrota.

E relanceando a vista pela história estrangeira, sirva-nos de incentivo o nobilíssimo exemplo de Santa Joana d'Arc, que deu a sua vida pela França, e aprendamos todos, alfim, que a Fé cristã acaba efectivamente a vida moral, dando-lhe um suplemento de luz e de força para o cumprimento do dever até o sacrifício, que em difíceis conjunturas exige de nós a consciência.

ANTÓNIO MENESES.

# □ FÁTIMA MILAGROSA □

OS meus olhos encontram Fatima semeada de chales pretos e de gravatas de luto. Um mundo de peregrinos estende-se desde a igreja paroquial até aos ultimos centímetros de terra que pertencem à freguezia de Reguengo do Fetal. Entra-me pelos olhos e arquiva-se-me na retina o maior retabulo de fé católica que tenho visto.

E' um quadro sem imaginação, sem fantasia. Tem uma tal realidade impressionista, comovente, que excede, por isso mesmo, as mais amplas descrições.

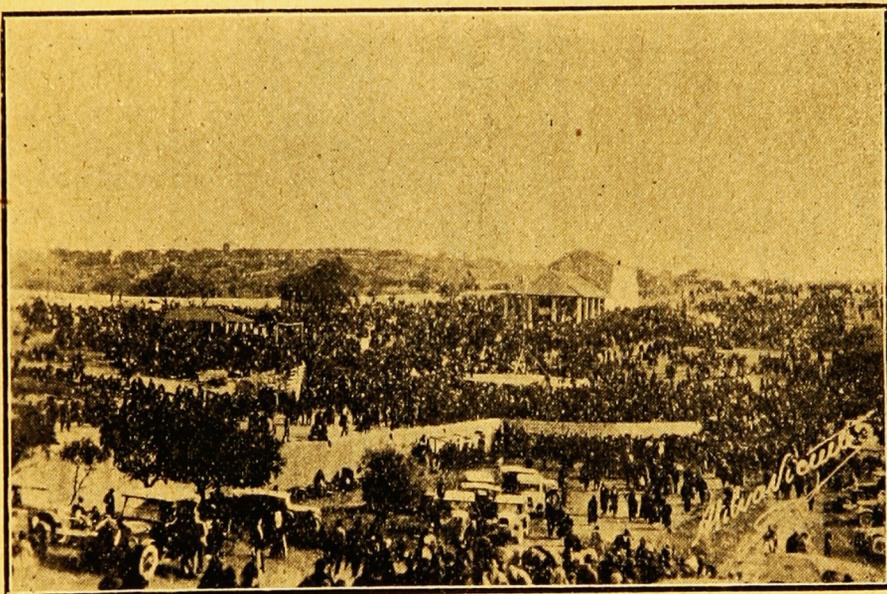
A Fé e a Crença erguem-se de todos os labios e de todos os olhos, até ao céu. Olhando todo esse mundo, mundo de homens, de mulheres, de crianças, de portugueses e de estrangeiros, que se juntaram e se igualam na mesma devoção, tem-se a impressão intimista de que os crimes e os peccados desapareceram das encruzilhadas da Terra. De que todo o mortal trás nos lábios uma préce.

Foi Nossa Senhora do Rosário de Fátima quem atraiu todo este universo de devotos, que se estende ante os meus olhos. Atraíu-os com esse poder oculto, divino, dos seus milagres. Vieram de perto e de longe. Chegaram de automovel e a pé. Continuam a chegar por todos os caminhos, com um

sorriso de esperança e com um olhar debruçado numa grande ternura.

Fatima, Jerusalem e Lourdes dos milagres de Portugal, é a estrada em que chegam todos os que percorrem as sendas da religião.

E', primeiro que tudo, a afirmação apoteotica, convincente, de que o nosso século é um século de regressão sincera, pura, à

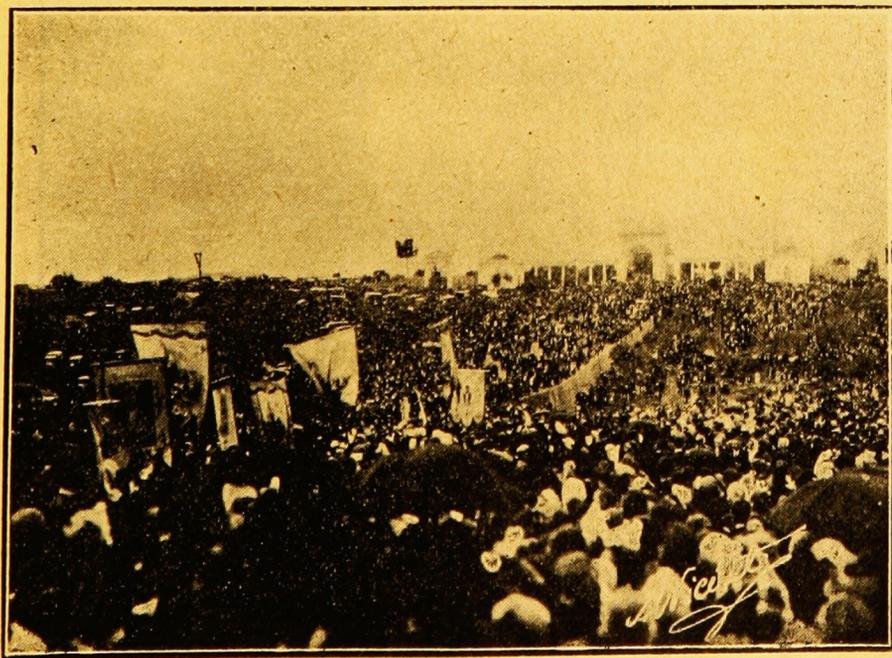


FATIMA — A grande peregrinação de 13 de Maio — A multidão em volta das fontes

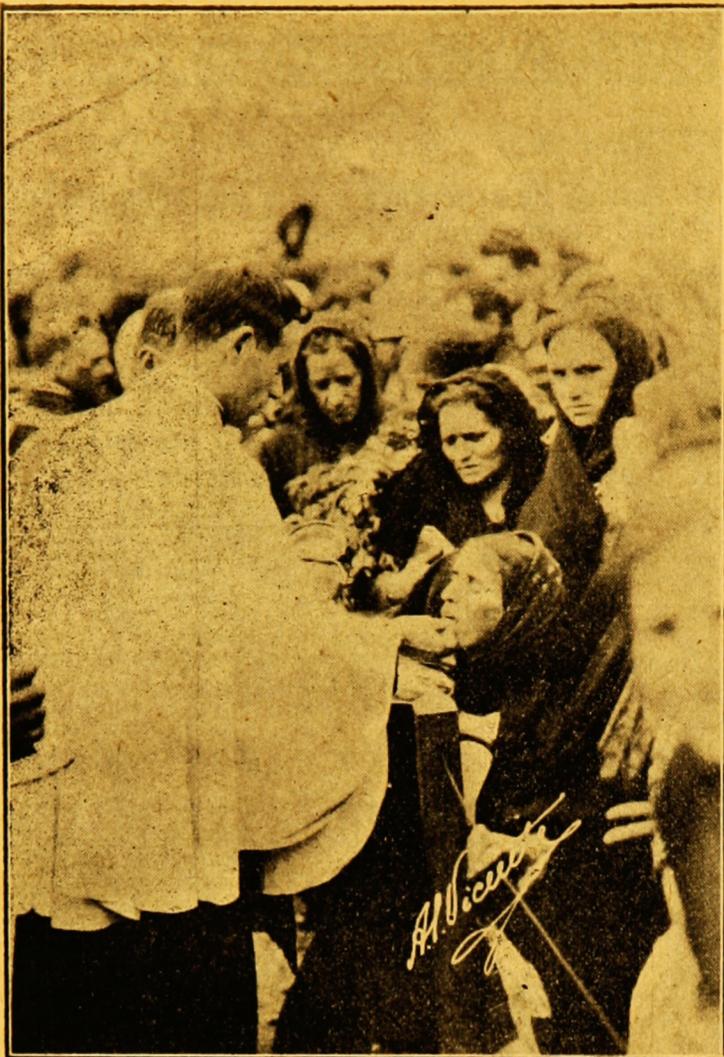
religião. Podem apresentar me descrentes. Esses ausentes do espírito, que andam longe... Que tem chagas na alma e sangue nas mãos. São doidos ou fantasmas que não traçam compromissos lógicos. E em todos os os tempos existiram doidos. Doidos que hipotecam a alma às tempestades do scepticismo e sucumbem com os corpos tatuados de pustulas.

A legião imensa, universal, que deve perfazer um todo de *Duzentos mil crentes!*, é a confirmação iniludível, que eu tenho na minha frente, de que se reza conscientemente em Portugal.

Não me refiro, propositadamente, aos estrangeiros, que chegaram de todos os países, que encontro frequentemente. Acho necessário significar, considerar, que esse numero enorme de devotos são filhos da minha patria. Da minha patria sempre religiosa, sempre patria de santos e de Fé;



FATIMA — A procissão da Virgem a caminho do pavilhão dos doentes



FATIMA — A Sagrada Comunhão aos peregrinos

A Virgem de Fátima, a «Santa de Fátima» como é chamada pela gente das nossas aldeias, por essa gente que não estuda filosofia e possui, contudo, os maiores instintos filosóficos de bondade, marca a nossa idade renovadora de fé cristã.

Desde a sua aparição, desde a sua apresentação a essas três felizes crianças em Maio de 1917, que tem influido profundamente no animo e nos actos da gente portuguesa. Os constantes, os frequentes milagres de Fátima, operaram como lições de tranquilidade e de oração no animo de todos. E esses milagres repercutiram-se pelas nossas casas e por todo o mundo como designio bemdito!

Agora mesmo, esta multidão de crentes prepara-se para sair, por alguns minutos, por algumas horas, de todo o ambiente material e sceptico.

Olham todos na mesma direcção. Olham todos para a capela de Fátima. E' lá, que Ela, «A Santa de Fátima», escuta todas as preces que vôm nesses olhares. E todos os olhos rezam. Todos os olhares são orações!...

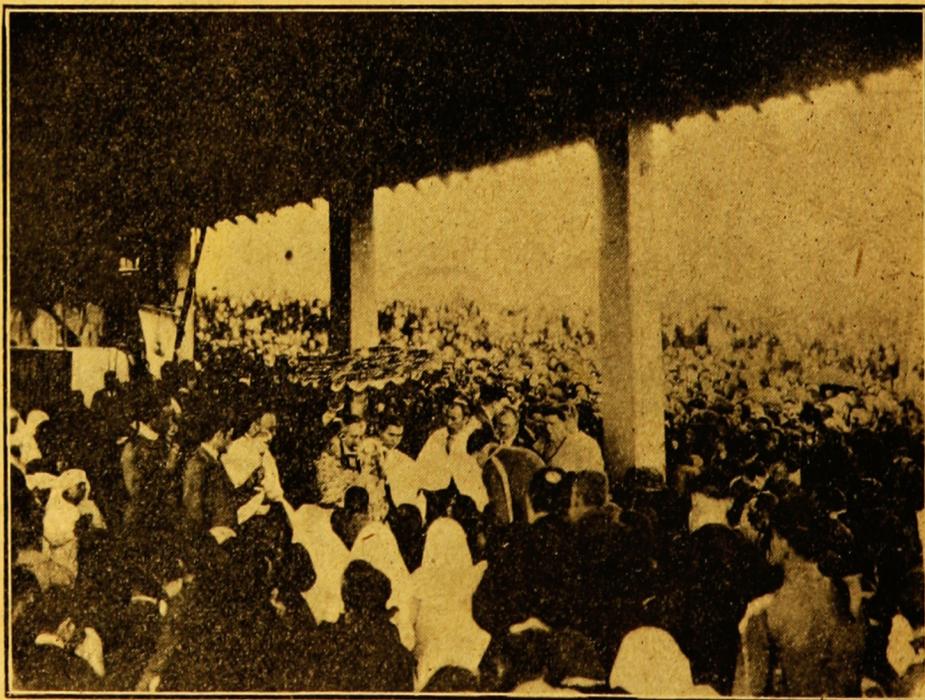
Sente-se uma grande emoção em certo momento, em todos os momentos que compreendem a peregrinação de cada crente. Igualam-se todos pela direcção, pelo destino dos seus passos. Visitam as fontes de agua bem dita, da agua dos milagres. E bebem essa água como se beijassem os pés do Crucificado.

Contudo, a impressão de deslumbramento cristão é a fervorosa procissão das velas. Milhares de velas, milhares de almas a arder em Fé! Chega-se a ter a impressão de que estes milhares de lumes, de chamas trementes, são almas inquietas por subirem até ao Céu!

O que mais deslumbra e emociona é, porém, a benção do SS. Sacramento. Começa cedo, quando o dia ainda é só menino. Este ano, porém, prolongou-se até à altura em que o sol e os relógios marcavam a chegada do meio-dia. Tudo, todos, se sentem com a alma ajoelhada.

Depois da missa da comunhão, depois do lançamento da primeira pedra para a Basílica, quando conduziram Nossa Senhora do Rosario da Capela das Aparições para a Capela das Missas, deu-se, porém, o mais impressionante espectáculo.

Quando o povo, milhares de braços e milhares de olhos, viu a sagrada imagem sair, irrompeu num clamor de Avé Maria, que electrizava, que santificava os sentidos.



FATIMA — S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo de Evora, dando a benção do Santíssimo aos doentes

(Foto. A. S. Vicente)

Milhões de lenços brancos agitam-se, oscilam, sobre as cabeças. Milhares de bôcas entôam clamores piedosos em vozes vibrantes. A Virgem passa envolvida por uma sinfonia pura, sacra, que comove. Que põe lágrimas em todos os olhos. Todas as bôcas imploram um milagre ou murmuram com elevação uma palavra, Há vultos ajoelhados, doentes que clamam por saúde, préces, vozes, que transformam os corações. Que os transformam em sacrários emocionantes de esperanças.

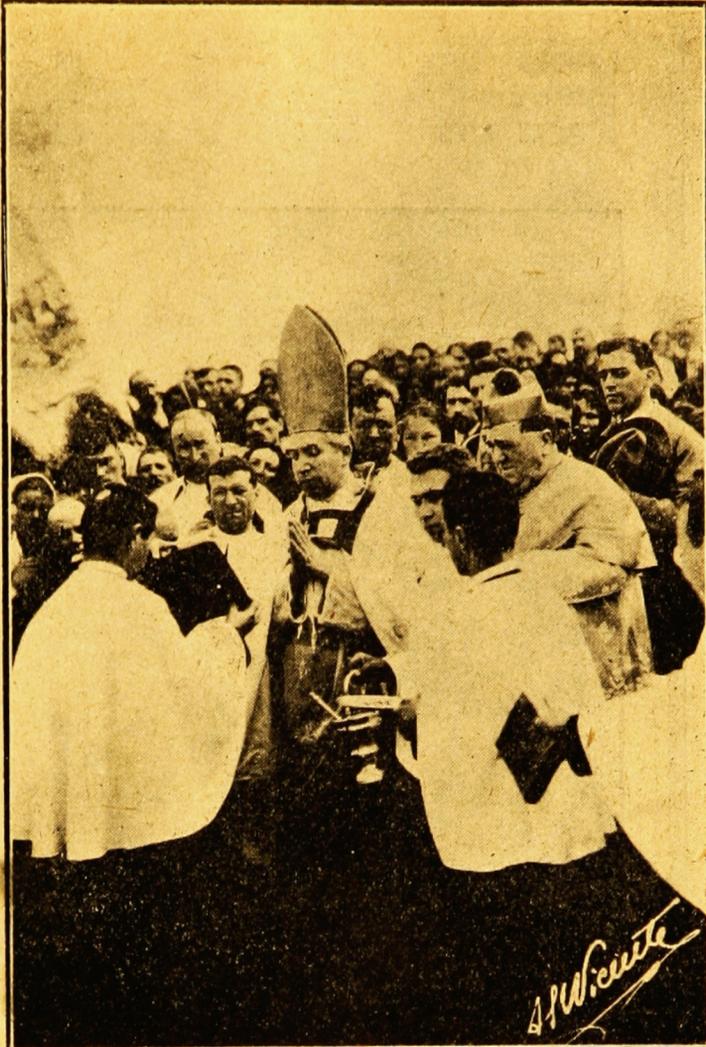
Vê-se tudo isto em Fátima, que é a nossa Lourdes. Vê-se este espectáculo com lágrimas nos olhos. Com lágrimas na voz e na alma. Duas vezes por ano, uma multidão, como a que eu vi, vem a Fátima implorar milagres e perdões. E todos os anos aumenta esta peregrinação de Fé. E' certo que, por agora, só uma parte de Portugal olha e vem a Fátima. Mas, no dia em que venha metade, em que venham a Fátima todos os habitantes de Portugal, nêsse dia, o nosso país voltará a sêr, como já o foi, o país mais venturoso e mais proximo de Deus!

G. DE A.



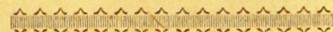
## O vacuo e a ambição

Admiravel é a diligencia e cuidado que a natureza põe em impedir o vacuo, e que em todo o universo não haja logar vasio. A este fim vemos subir a água, descer o ar, mover-se a terra, romperem-se os marmores, estalarem os bronzes, e correrem todas



FATIMA — Sua Ex.<sup>as</sup> Rev.<sup>mas</sup> O Senhor Arcebispo de Evora e Bispo de Leiria, na Benção da primeira pedra para a basilica.

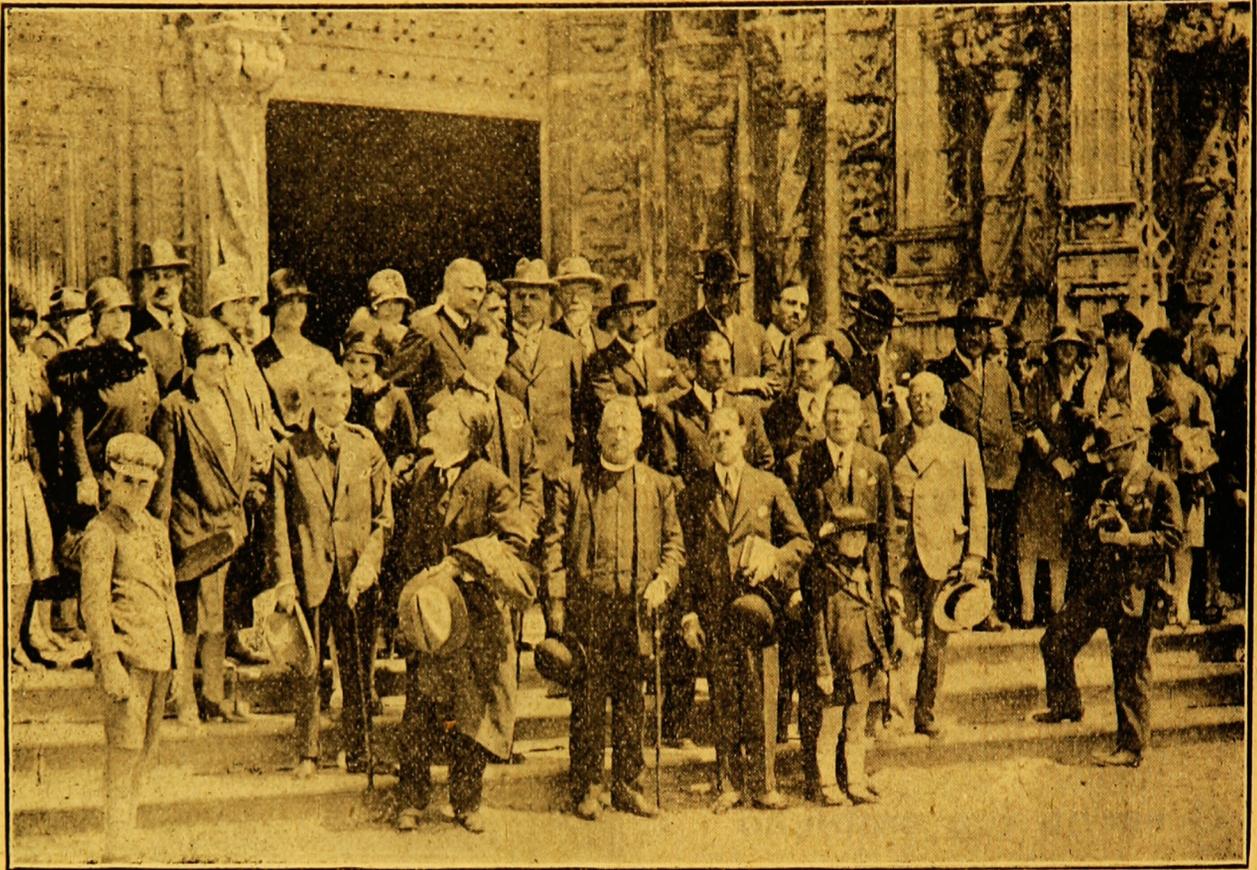
as creaturas com impeto contra suas proprias inclinações. Daqui nascem os frequentes terremotos, e os extraordinarios e horrendos, que não poucas vezes derrubaram cidades inteiras. O mesmo que faz a natureza por impedir o vacuo faz a ambição por o ocupar. Em havendo logares vagos, de todas as partes concorrem tumultuariamente a eles os pretendentes, não por impedir (que só se impedem uns aos outros), mas por ocupar o vacuo, e tanto com maior e mais violento impeto, quando a natureza acode ao bem comum do universo, e a ambição ao particular de cada um.



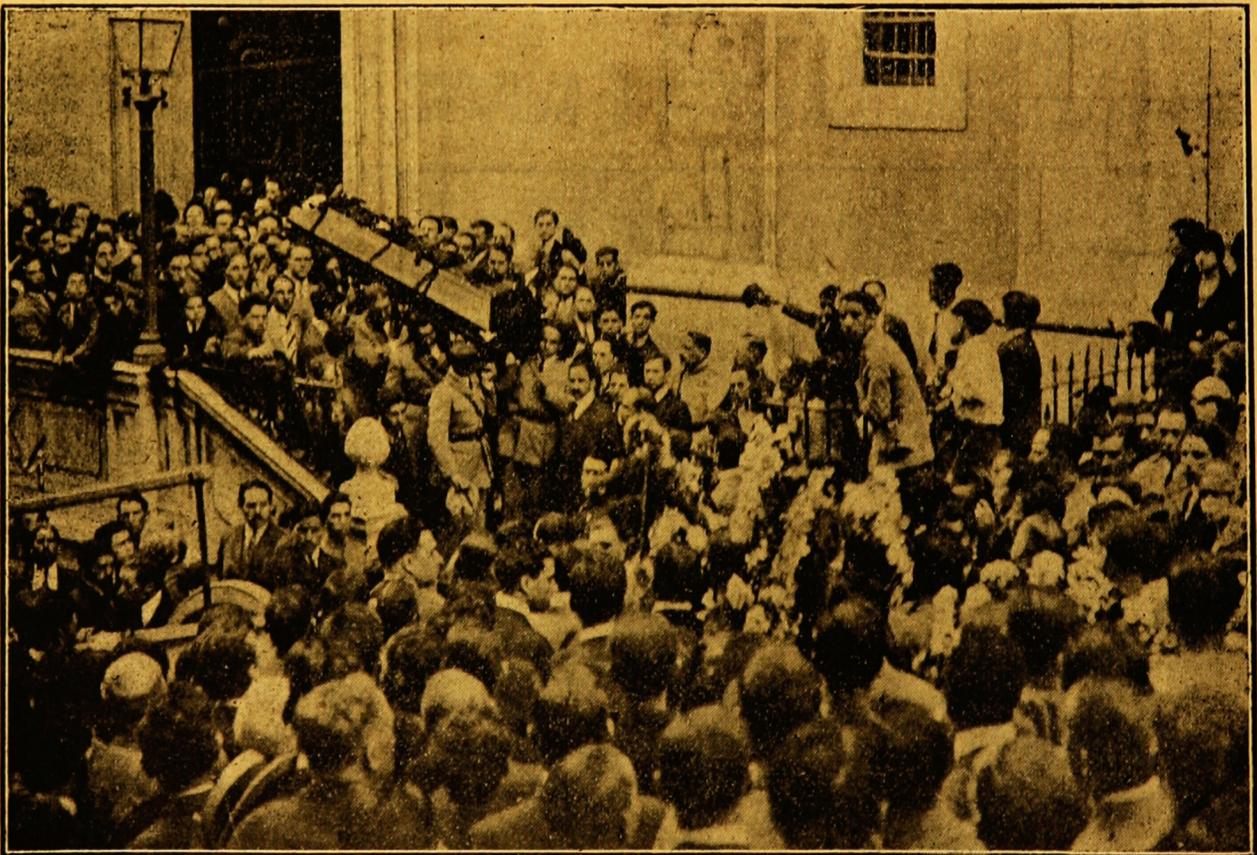
FATIMA — Capela da Aparição. — O avião faz um ramo da Cruz.

(Fot. A. S. Vicente)

A mudança de modas é o imposto que a industria do pobre estabelece sobre a vaidade do rico.



*A viagem de Afonso Lopes Vieira ao Brazil — Missa nos Jeronimos*



*Desastre de Aviação — [Funeral e trasladação do Capitão Aragão]* (Fotos. A. Salgado)



*Homenagem prestada pela colonia italiana ao ministro de Italia*

## Festas na Oficina de S. José



*Com a assistencia do ministro de Italia e esposa, secretario do Nuncio e director da Oficina*

## Sêr jornalista . . .

AH a cruciante tortura do jornalista! Nenhum de vós ao passar-des pelos olhos, entre a vossa chicara de aromatico café e as vossas loiras torradas, a folha ainda humedecida de tinta de um jornal, imaginais decerto quantos sacrificios dolorosos ele custou.

Que soma enorme de esforços, que torre de Babel de energias o jornalista consume!

da gazeta — forte e indiscutível para ele, inabalavel como uma Razão de Estado . . .

— Original! Original! Está a chegar a hora. Faltam tantas colunas . . . E' preciso escrever! . . .

E' preciso escrever! E não há rebelião possível contra esta ordem terminante, esta imposição de um absolutismo quasi feroz, à autonomia do jornalista, ao seu espírito, à sua propria vontade, — que tantas vezes,

— Deus sabe quantas, — seria a de espancar o estadu-lho, a sombra irritante, fria e ironica desse diabo encarnado em tipografo a coisa mais impertinente e enfadonha que existe no mundo depois dos sinapismos Rigolot. Ele não inquire de viva voz do seu mutismo, da sua indolencia, da sua falta de disposição, da carencia absoluta de assunto.

Ele não inquire nem respeita: exige.

Que lhe importa a ele que um

avoamento, fio de devaneio, aza de lirismo, sopro de emoção, angustia intima e obscura, alegria de alma nesse momento desprenda de todo o espírito do jornalista de interesse pelo trabalho material?

Que lhe importa o seu alheimento, a sua jornada pelos caminhos envios do sonho, a sua abstração, a sua repulsa pelos afazeres de mero noticiarista? Que o seu espírito arquitete na concentração recolhida e isoladora da sua vida, um pedaço de Arte, um romance, um poema, um canto ou um verso, fumo da chama ardente que arde no fundo do seu sêr, sofucada mas sempre em revolta?

Nada disso lhe importa. Um poema não valeria para ele uma local 12, um romance, um suelto em 10; todo o seu sonho,



LISBOA — Oficina de S. José. A pesca milagrosa.

— Original! Original!, exclama o vulto impertinente do tipografo, curvando se sobre a sua banca numa perseguição diabolica, apoquentadora, sem treguas. Não há evasão possível. E' o seu diabo em carne e osso, a sua sombra: apoquentada como um caustico, suga como uma ventosa. A sua sede de original é insaciavel.

Ao começo mendiga, solicita, dispende tal ou qual delicadeza com o jornalista; mas para o fim, quando o tempo aperta, as horas se chegam, o momento da folha se imprimir se acerca irremediavel, o homenzinho, faminto, quasi desesperado, ataca o seu silencio, sem a menor atenção pelas suas preocupações de espírito, despotico na sua insistencia, abroquelado à sombra da necessidade urgente, imperiosa — a publicação

o embrião de Arte, o *spleen*, a dor, a alegria que lhe agita a alma, inutilizando-lhe o cérebro, embotando-lhe a vontade, tudo isso é para ele apenas paisagem.

Este tipografo impertinente torna-se assim senhor do cerebro do jornalista pela escravatura profissional da pena. Não é um tipografo, é um simbolo.

Não é nesses momentos uma criatura, é a individualisação da coisa mais despótica, dominadora, o jornal! Não é ele que fala; é o jornal encarnado em homem que exige, ordena, impõe, sorrindo brutalmente daquele martirio, o martirio do cerebro, sequestrado ao campo das suas aspirações pela tarefa enfadonha, fria, mercenaria, anónima:

— Original! Original! E' necessário escrever!

E' preciso encher a gazeta, e não há uma emoção, um entusiasmo, uma restea de calôr. Não há no cérebro um assunto. Mas o tipografo desalmado continua bradando com insistencia diabolica:

— E' preciso escrever, senhores, é preciso escrever!

\*  
\* \*

Ora o Jornal é isto: é em síntese, encarnado e vivo. em osso e carne, impertinente, massador, egoista, este tipografo irritante, que curva o seu perfil adunco sobre as mesas da redacção, sem a menor sombra de delicadeza pelo alheamento de espirito do jornalista, famelico, imperioso:

— Original! Original!

Com ideias ou sem ideias, com o cérebro vazio ou repleto com razão de sêr ou sem razão de sêr, com forma em sem forma, o que quer é original.

Sobretudo sem originalidade alguma, que uma das qualidades dissolventes do jornalismo moderno, é essa de anular como incompatível com a variada massa dos gostos, tudo o que de original, de inconfundível, quer na forma, quer na essencia, exista numa nacionalidade.

Ah! a odisseia dramatica do jornalista! Que esplendido assunto, esmaltado de risos e de lagrimas, a atrair a atenção descuidada do mais novelesco e imaginoso escritor!

Um romance admiravel, creiam...

CLAUDIO E ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA GUIMARÃES.

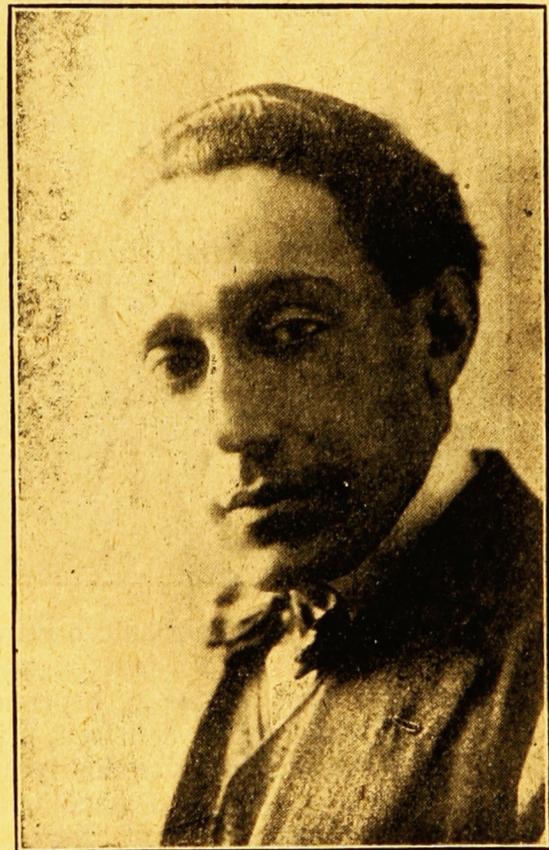


## ALMA QUE REZA..

DE = Mateus de Macedo

E' um novo bracarense, professor do nosso liceu, onde não há muitos anos o conhecemos aluno, que nos brinda um formoso livro de versos. Tem a mimosa colectanea o sugestivo titulo: «Alma que reza». Mateus de Macedo, soube, realmente, imprimir uma delicada cor de misticismo ao seu livro.

Os versos são sonoros; a rima quasi sempre opulenta, geralmente rica; o ritmo é perfeito, e correcta a metrificacão. Foi o soneto a forma escolhida



pelo auctor, e sendo difficil essa forma, o poeta venceu as dificuldades e deu-nos um conjunto equilibrado, fechando sempre com chave de oiro essas pequenas composições, cada uma das quais ha-de ser sempre um poema completo e perfeito. E' de aplaudir o mimo literario, e de louvar a Deus, que ainda há quem cante em Portugal.

A capa desenhada por Zeferino do Couto, traduz bem a expressão do livro. E no livro mostra Mateus de Macedo que — «Conseguiu traduzir em melodias — Primeira prece de intima saüdade». Mil parabens.

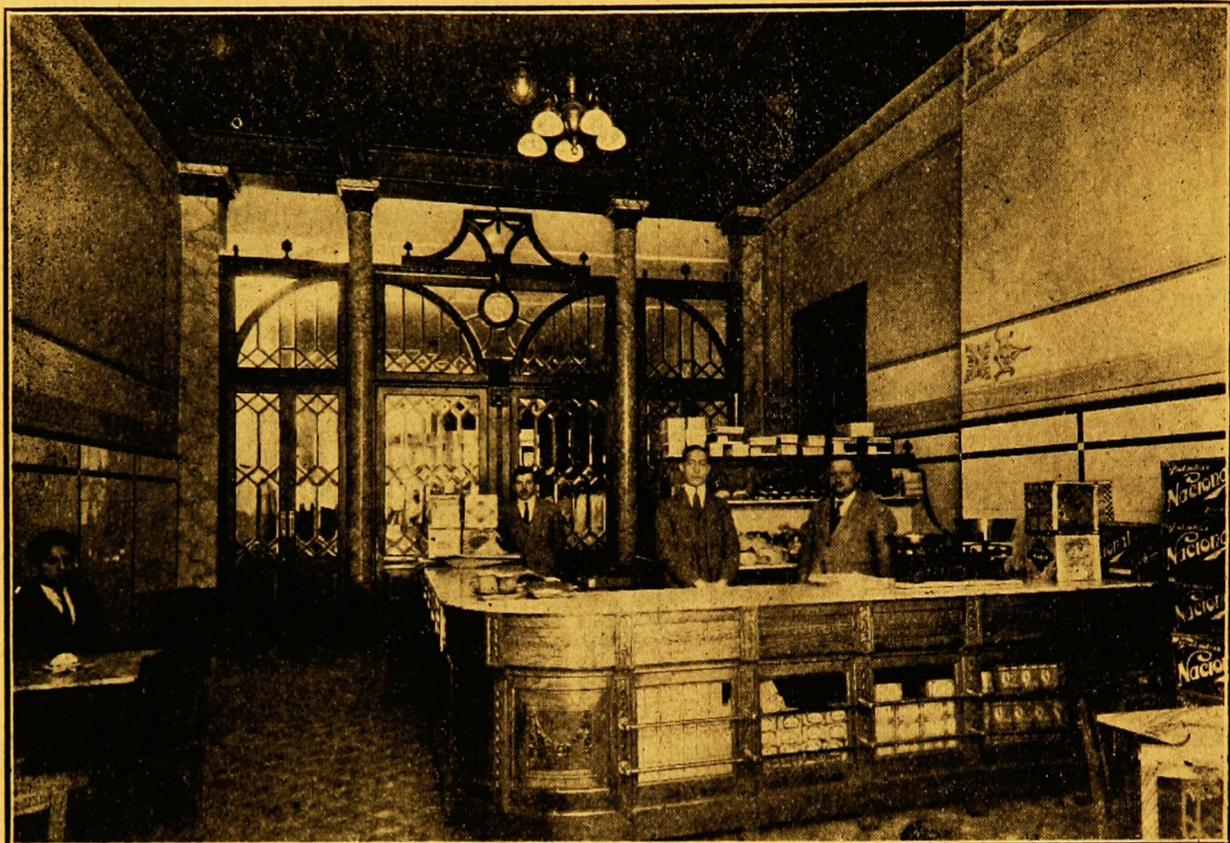
## A nova PADARIA NACIONAL

*O pão rosso de cada dia  
nos dai hoje...*

Sublimes palavras do Divino Mestre que nos ensinou a pedir o que há de mais parco e de mais adaptavel para o desenvolvimento

Braga possui hoje um estabelecimento digno de ser admirado, pelo seu aceio e limpeza, da iniciativa da respeitavel firma industrial Barbosa & Cunha, a *Padaria Nacional*, na Avenida da Liberdade, dotada dos maquinismos mais modernos que a industria de panificação emprega para seu fabrico.

Vêem-se ali: duas amassadeiras, sendo uma de grande capacidade, marca Artofex e a outra Saint Honoré, um panimetro ou



do nosso organismo, sendo portanto o primeiro alimento.

E para que esse alimento, o primeiro que aparece na nossa mesa, satisfaça, é preciso que seja fabricado com aqueles requisitos que o tornem sadio e sem macula, obedecendo a todos os preceitos de hygiene.

maquina divisora da massa, um sovador ou laminador, um massarico ou lança, chamas para aquecimento do forno, um pirometro, etc., etc. Todos estes aparelhos são acionados electricamente. O edificio é amplo e luxuoso, primando pelo seu bom gosto. Inicia-tivas destas, merecem todo o nosso aplauso.

## HISTORIAS DA CAÇA

Antes de 1789, a caça em França constituia um dos privilegios feudais, suprimidos na celebre noite de 4 de Agosto.

E' a um bispo, Mons. de Chartres, que os burguezes devem o direito de caçar actualmente, como os soberanos e os fidalgos de outrora. Foi, de facto, esse prelado quem, a 4 de Agosto de

1879, apresentando o direito exclusivo de caça como um flagelo para os campos, solicitou a sua abolição. Os nobres acolheram com aclamações a proposta do bispo, e um decreto foi promulgado, a 11 de Agosto, revogando as disposições referentes à caça e concedendo aos proprietarios o direito de destruir nas suas terras toda a especie de animais. O decreto de 11 de Agosto não indicava nenhuma restricção. Os caçadores se tornaram tão numerosos que foi necessário, por uma lei de 23 de

Abril de 1796, moderar esse furor cy-  
negetico.

O direito de caça ficou então limi-  
tado aos proprietarios. Contra isso pro-  
testou violentamente Robespierre, que  
reclamava «a liberdade ilimitada da ca-  
ça, desde que fossem adoptadas todas  
as medidas uteis à segurança publica.»

Durante o periodo revolucionario,  
as auctoridades não inquietaram os ca-  
çadores.

Barras foi, na epoca do Directorio,  
o primeiro que depois da revolução, te-  
ve um trem de caça. Ele havia mantido  
os gostos e os habitos dessa nobreza à  
qual, pelo nascimento, pertencia. As  
suas caçadas são célebres.

Napoleão organisou tambem caça-  
das magnificas, conquanto esse sport  
não lhe aprouvesse muito.

Ele o considerava apenas como  
um exercicio de higiene. Só o divertia  
um pouco o «hallali».

Utilisava-se, habitualmente, de pe-  
quenas espingardas simples, que tinham  
pertencido a Luís XVI. Um dia, Napo-  
leão caçava em Fontainebleau. O vea-  
do afrontava valentemente os cães,  
muitos dos quais já estavam fóra de  
combate. Os picadores não sabiam se  
convinha matar o animal, sem esperar  
o imperador ou se deviam arriscar a  
vida dos cães.

Resolveram mata-lo; mas, no mes-  
mo momento, avistaram Napoleão.

— Estamos perdidos, disseram eles.

Um deles teve rapidamente uma  
ideia salvadora. Cortou uns paus que,  
servindo de pontos de apoio ao veado,  
puderam dar-lhe uma apparencia de vi-  
da. Os cães cercavam o animal, latindo  
furiosamente.

O imperador, que, como se sabe,  
atirava mal, desceu do cavallo, tomou a  
carabina e . . . matou o melhor cão da  
matilha. E partiu, sem ter percebido  
o estratagemas.

Sabe-se que, uma vez, visando um  
javali, feriu um dos seus criados; em  
outro dia, como atirasse num bando de  
perdizes, Masséna, que estava perto, re-

cebeu num dos olhos um grão de  
chumbo.

Outra vez, caçando com Duroc,  
marechal do palacio, o qual se abaixára  
para colher uma ave que caíra, uma  
descarga de chumbo se foi implantar  
nas abas do seu paletó.

— Desazado! exclamou Duroc.

Napoleão desculpou-se.

— E' a primeira vez que um bravo  
da tua especie é ferido por traz.

Larrey tratou prontamente do ma-  
rechal, que em pouco tempo se resta-  
beleceu.

Oito dias após, em St-Cloud, ele  
jogava uma partida de cartas com o  
imperador, o qual, retirando do bolso  
uma caixa de rapé de ouro e esmalte,  
cinzelada por Foussier e pintada por  
Isabey, disse:

— Queres um bom rapé? Pódes  
também guardar a caixa. E' a lembrança  
de um desazado.

Com Masséna, Napoleão não repa-  
rou menos delicadamente o seu desazo.  
Voltando ao palacio, depois do aciden-  
te que causára ele enviou Larrey ao  
vencedor de Zurich.

— Perderei um dos olhos? pergun-  
tou Masséna ao medico.

— Não; procure lêr o que aqui es-  
tá escrito . . .

E Larrey lhe mostrou a nomeação  
de Masséna para o comando do exerci-  
to de Portugal.

E Masséna concordou, a rir, que  
via perfeitamente.

Poderia ter, porém, acrescentado  
que só por um dos olhos.

Napoleão III, que não foi mais dés-  
tro caçador do que o tio, nunca feriu  
ninguem. Ao contrario, numa caçada  
na floresta de Sainte Germain, recebeu  
um dia um grão de chumbo no pescoço,  
enviado, acidentalmente, pelo marechal  
Mac-Mahon.

Entre os pequenos accidentes das  
caças officiais em França, poderia ser  
lembrado o leve ferimento do general  
Brugère, atribuido ao presidente Carnot.

E' a Napoleão I.º que se deve a  
permissão de caça, a qual, no começo,

se denominava permissão de porte de armas.

O preço, fixado em 30 francos, foi reduzido a 15, poucos anos depois. Em 1834, esse imposto fornecia ao tesouro a soma de um milhão e duzentos mil francos; dez anos mais tarde, esse algarrismo era duplicado.

Uma lei de 1844, ainda em vigor nas suas disposições gerais, estabeleceu o preço de 25 francos; mas, desde 1875, custa 28 francos a permissão da caça.

Em elegantes pontos do Paris actual, há menos de um século se organisaram caçadas.

Assim, no belo Parque Monceau, caçavam-se perdizes na época da Restauração.

No tempo de Luiz XV, o lobo era perseguido no bosque de Boulogne, onde Napoleão caçou o veado.

E nos parques Montsouris e Buttes-Chaumont livremente se caçava ainda no reinado de Carlos X.



## As Flores e a Mythologia

Violeta era uma joven nympha do sequito de Diana. Um dia, perseguida por Apolo, invocou a deusa, que a metamorfoseou na flôr que tem o seu nome.

*Narciso*, filho do rio Cefiso, era dotado de maravilhosa formosura. Tendo-se enamorado da sua propria imagem, ao se mirar nas aguas limpidas de uma fonte, morreu de langor. Venus o transformou na flôr a que o seu nome foi dado.

*Jacinto*, heroi espartano, amigo de Apolo, jogava um dia com o deus, que, involuntariamente, o matou, lançando-lhe à cabeça um disco. Do seu sangue nasceu uma flôr, o jacinto.

*Tulipa*, filha de Proteu, amava os adornos. Perseguida por Vertumno, deus das estações, foi mudado em flôr por Pomona.

*Ranunculo*, joven pastor, sabia suas canções, e a sua voz era tão melo-

diosa que as ninfas se sentiam enlevadas ao ouvi-lo. Elas o transformaram numa flôr, que depois invadiu os prados e os campos. Ranunculo se deriva do latim *ranuncula*, pequena rã, porque uma especie dessa flôr é aquatica.

*Heliotropio*, palavra grega, significa «Eu me nutro de sol». Diz-se que Clicia amava ternamente o voluvel Apolo e que, desdenhada, se deixou morrer e foi metamorfoseada em flor. O heliotropio é, por isso, o emblema do mais dedicado amor.

*Peonia* era uma graciosa pastora, que guardava os rebanhos de Alcinous, pai de Nausicaa. Ela acolheu Ulysses, naufrago; e, tendo um dia ouvido as suas palavras apaixonadas, tão fortemente enrubesceu que Juno a transformou numa flor vermelha.

*Anemona* era uma ninfa da corte de Flora. Zefiro a amou; mas a deusa, ciumenta, mudou numa flor a sua innocente rival.

*Adonis*, por quem Venus se sentiu atraída, foi morto numa caçada por um javali. Jupier, atendendo às supplicas da deusa, metamorfoseou Adonis na flor desse nome, abundante nas plantações de trigo.

Se, depois das flores tratarmos das arvores, veremos que os titans, revoltados contra os deuses, foram fulminados por Jupiter, que lhes deu a forma de arvores.

Philemon e Baucis, por terem dado hospitalidade a Jupiter e ao filho, chegaram à mais adiantada velhice; Baucis tornou-se uma tília e Philemon um carvalho.

Phaeton, filho do Sol e de Clymene, foi precipitado por Jupiter no Eridan, por haver virado o carro do Sol. As irmãs o choraram tanto que os deuses, compadecidos, as transformaram em alamos. Sabe-se que as folhas dessas arvores são agitadas por um movimento continuo, como se elas tremessem. O seu murmuro é melancolico.

A amoreira recorda a morte tragica de Pyramo e de Thisbê, na campanha de Babilonia.

Enfim, o mirto, arbusto de folhagem sempre verde, de brancas flores perfumadas, foi, em todos os tempos, consagrado ao culto de Venus. A mitologia pagã, diz A. Debay (*Os Perfumes e as Flores*), tão risonha nas suas alegorias, nos ensina que no dia em que Venus nasceu do seio das ondas, as Horas foram ao seu encontro e lhe ofereceram uma corôa de rosas e de tuberosas entrelaçadas de mirto, o que significava beleza e amor. Os templos dessa deusa se erguiam sempre no meio de um bosque de murta e a sua estatua era adornada de mirto.

Os jovens noivos se coroavam, outr'ora, de murta; ainda hoje, é isso o emblema do amor.

Diz-se que o mirto se apodera do terreno e expelle todas as plantas que lhe nascem em torno. Assim o amor, que germina e cresce num coração, absorvendo-e em prejuizo de todos os outros sentimentos.

---

## A LENDA DE ARLEQUIM

---

Conhecem todos esse personagem de comedia que nos vem da Italia.

Ele usa uma roupa composta de pequenos fragmentos triangulares de estofado, uma mascara e um sabre de pau que lhe pende á cintura.

Esse vestuario é um dos ornamentos mais originaes; ignora-se, porem, a sua procedencia.

Foi, ao que parece, a amizade que o inventou, segundo refere a lenda que vamos narrar.

Numa pequena cidade de Italia chamada Bergamo, berço de Maffei, de Donizetti e de Tiraboschi, vivia um colegial, que se distinguia tanto pela excelencia do seu caracter quanto pela vivacidade do seu espirito. Arlecchino (tal era o seu nome) constituia o orgulho dos pais e dos mestres; os seus condiscipulos o estimavam. Não invejavam os progressos do camarada porquanto

Arlecchino, tão instruido quanto modesto, ignorava a sua superioridade com relação aos companheiros de estudo.

Era, então, costume oferecer um vestuario novo aos meninos na época do Carnaval. Como esse prazer sómente se lhes proporcionava uma vez por ano, pode-se imaginar a impaciencia com que esperavam essa festa.

Durante muito tempo, as crianças discutiam a vestimenta que se lhes preparava.

O tecido, a cor, a forma, tudo era longamente discutido durante as recreações. Sô Arlecchino permanecia alheio a esses comentarios.

— E qual será a cor da tua roupa? perguntou-lhe um dos seus amigos.

— Não terei nenhuma. Meus pais são pobres...

Essa noticia affligiu os colegiaes, pois viam que o dia de jubilo para todos seria de tristeza para o mais querido d'entre eles. E os seus jovens corações se sensibilisaram.

De acordo, porém, com a ideia sugerida por um dos meninos, ficou resolvido que cada qual traria de casa um fragmento de pano de que se devia fazer a sua roupa. E, no dia seguinte, apresentaram a Arlecchino essa oferta; notaram, contudo, uma circumstancia, em que não tinham ainda pensado, isto é, a diversidade dos tons desses estofos.

Mas Arlecchino observando-lhes o embaraço, bondosamente os tranquillizou, afirmando-lhes que o presente lhe causava verdadeiro prazer, e que era aos seus olhos tanto mais precioso quanto cada frágmento do seu vestuario lhe lembraria um amigo.

Chegado o dia de Carnaval, vestiu a roupa, cobriu o rosto com uma mascara preta, poz á cabeça um chapéu de feltro cinzento, ornado de uma cauda de coelho, cingiu um sabre de pau e percorreu a cidade, saltando e dansando.

Sendo a roupa de Arlequim composta de fragmentos de muitas cores, pensou-se que essa palavra qualificaria devidamente um homem politico de opiniões mutaveis.

# ANECDOTAS HISTORICAS

Em poucas palavras, Mme de Girardin descreveu Alboni, a celebre cantora, que, dotada de uma voz maravilhosa, tinha uma corpulencia pouco vulgar.

— A Alboni, dizia aquelle, escriptora, é um elephante que enguliu um rouxinol.

O ministro Calonne ia morrer. Descontente com o seu medico, que não lhe curára a pleuresia, e não podendo mais falar, escreveu :

«Assassinou-me. Se é um homem de bem, renuncie para sempre á medicina.»

Billion, antigo director de um teatro de Paris, era pouco letrado. Anicete Bourgeois dava-lhe o conselho de ornar a fachada do edificio com as nove musas.

— Sim, é uma boa idéa ; mas acho pouco. Colocarei doze musas. Será melhor...

O Dr. Delambre foi acordado á noite. Alguem o chamava por telefone.

— Que é ?

— Meu filho, dizia-lhe uma senhora, enguliu um ratinho.

O medico, com muito somno, respondeu :

— Pois diga-lhe que engula um gato. Deixe-me dormir.

Crillon, o famoso general de Henrique IV, quiz tomar lições de dansa. Mas, logo na primeira, desistiu do seu intento.

— Curve-se... Recúe, disse o mestre.

— Crillon, bradou ele, nunca se curvou e nuncou recuou !

E', muitas vezes, menos perigoso lançar ao acaso uma pedra do que uma palavra.

Sextius.

Uma mulher que escreve, comete duas acções censuraveis : augmenta o numero dos livros e diminue o numero de mulheres.

Alphonse Karr.

O amor á natureza é o unico que não ilude as esperanças humanas.

Balzac.

Paris, quando ergue estutua, acha que o marmore nunca é bastante grande ; mas, quando a destróe, nunca lhe parece que os fragmentos são bastante pequenos.

Ed. About.

A vida é o habito que mais difficilmente perdemos, porque foi precisamente o primeiro que adquirimos.

A. Dumas fils.

Uma lingua que se aprende bem, é mais uma alma que se adquire.

Carlos Quiñto.

Um estadista governa mais com o seu character do que com as suas opiniões.

A. Guinon.

E' preciso ter sido pastor para apreciar a felicidade dos carneiros.

Talleyrand.

Em politica, ha serviços que só pódem ser solicitados aos adversarios.

Alfred Capus.

A resignação é um suicidio quotidiano.

Balzac.

O heroismo é raramente exigido na vida moderna. A energia e a honestidade são mais necessarias.

P. de Coulevain.

O coração é o estofo que mais facilmente se dilacera e mais depressa se concerta.

A. Dumas fils.